

Aproximações conceituais entre análise comportamental da cultura e a Antropologia interpretativa

(Conceptual approximations between cultural behavioral analysis and interpretive Anthropology)

**Miguel Abdala¹, Yana Linhares, Hernando Borges Neves Filho e
Camila Muchon de Melo**

Universidade Estadual de Londrina

(Brasil)

RESUMO

A palavra cultura possuiu diversas definições até se tornar objeto de estudo da Antropologia no final do século XIX. Nos anos 1950, a Análise do Comportamento também se dedica ao estudo desse conceito, desenvolvendo-se em paralelo com as ciências sociais ou propondo aproximações com teorias divergentes. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi realizar uma revisão conceitual sobre cultura e questões correlatas para o antropólogo Clifford Geertz, com a aplicação do Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto (PICT) na principal obra do autor “A Interpretação das Culturas”, para elencar categorias com aproximações com a Análise do Comportamento. Foram elas: conceito de cultura, símbolos e significados, método interpretativo, e papel da ciência. A concepção de cultura interpretativista aproxima-se das noções comportamentalistas de cultura como variável ambiental. A caracterização de símbolos mostrou-se semelhante à concepção de equivalência de estímulos. O método interpretativo revela-se complementar ao uso de análises funcionais para estudar cultura. Finalmente, a concepção de ciência teve destaque nas duas vertentes como um método possível para ser aplicado no estudo da cultura. Como pontos de diálogo constatou-se que a vertente comportamentalista pode contribuir com refinamentos metodológicos para o estudo de comportamentos dos indivíduos em grupo, e a Antropologia contribui com concepções teóricas mais refinadas sobre conceitos fundamentais para estudar os fenômenos sociais e culturo-comportamentais.

Palavras-chave: Culturo-comportamental, Antropologia comportamental, análise do comportamento, Antropologia Hermenêutica, Antropologia Simbólica

¹ Endereço para correspondência: Miguel Abdala. Universidade Estadual de Londrina. Rua Alagoas, 1106. E-mail: miguel.abdala.maci@uel.br

ABSTRACT

The word culture had several definitions until it became an object of study in anthropology at the end of the 19th century. A variety of definitions have been developed in this area, with new forms to work with the concept being produced up to the present day. These definitions vary according to the area of anthropology being worked on, for example, symbolic anthropology is an area that produced definitions and reflections about this concept, but even on symbolic anthropology, there are many sub areas that work differently. In the 1950s, Behavior Analysis was also dedicated to the study of this concept, developing in parallel with the social sciences or proposing approaches with divergent theories. Many divergent definitions of culture can also be found in this area. In this sense, the objective of this study was to carry out a conceptual review on the concept culture and related issues for the symbolic anthropologist Clifford Geertz, applying the Conceptual Text Interpretation Procedure (PICT) in the author's main work "The Interpretation of Cultures" to list categories with approximations with Behavior Analysis. They were: 1) concept of culture; 2) symbols and meanings; 3) interpretive method; and 4) role of science. The first is related with how culture is defined in this area. Second is about how the concept of symbols is defined. Third is how this approach collects the data. The last is how they understand how science may work in this field of cultural studies. The interpretivist concept of culture is similar to the behaviorist notions of culture as an environmental variable. The characterization of symbols was like the concept of stimulus equivalence. The interpretive method proves to be complementary to the use of functional analysis to study culture. Finally, science was highlighted in both aspects, as a possible method to be applied in the study of culture. As dialogue points, it was found that the behaviorist strand can contribute with methodological refinements to study the behavior of individuals in groups, and anthropology contributes with more refined theoretical conceptions about fundamental concepts to study social and cultural-behavioral phenomena. More studies should be carried out to assess the differences as well, since there are also gaps in these areas.

Keywords: Culture-behavior, Behavioral Anthropology, Behavior Analysis, Hermeneutical Anthropology, Symbolic Anthropology

A Análise do Comportamento, uma abordagem contextualista da psicologia que apresenta seus compromissos filosóficos com o Behaviorismo Radical e que tem como fundador B. F. Skinner, propõe um campo para estudos de questões relativas à cultura: a análise comportamental da cultura (Carrara, 2015), a qual produziu dados nessa linha de estudo (Fernandes et al., 2017; Martins & Leite, 2016; Zilio, 2019). Uma primeira definição de cultura nesta área surge na obra de B. F. Skinner, em seu livro *Ciência e Comportamento Humano* (Skinner, 1953/2003). Nela, o autor afirma que a cultura seria composta por todas as variáveis que afetam o comportamento do indivíduo e que são arranjadas por outras pessoas.

Ao longo da obra skinneriana, outras definições foram apresentadas pelo autor, em alguns casos de forma a divergir das próprias concepções mais antigas. Porém, em uma revisão recente das definições de cultura para Skinner, Fernandes et al.

(2017) propõem que uma visão comportamentalista de cultura a consideraria como um conjunto de contingências sociais. Já práticas culturais se caracterizariam como os padrões de comportamentos mantidos e modelados por essas contingências.

Para além das definições com base nas produções de Skinner, outras propostas de estudo do fenômeno cultural sob uma ótica comportamental foram apresentadas na Análise do Comportamento. As compreensões do que seria cultura variam, com ênfase em aspectos distintos (Andery, 2011; Baum, 1994/1999; De Rose, 2016; Fernandes et al., 2017; Leugi, 2012; Melo & De Rose, 2013; Pierce, 1991). Essas distinções corroboram com os argumentos de Andery (2011) quando discute que a cultura pode ser compreendida tanto como variável independente (V.I.), atuando na seleção de comportamentos, quanto variável dependente (V.D.) como práticas culturais mantidas em função de alterações ambientais.

Para além da Análise do Comportamento e mesmo da psicologia, destaca-se a Antropologia, ciência que estuda o ser humano nas suas vivências sociais e culturais (Meneses, 2009). Essa área já trabalha discussões sobre o conceito de cultura desde o século XIX (Tylor, 1871/1920). Ao longo dos séculos XX e XXI, diversas vertentes antropológicas desenvolveram definições e formas distintas de trabalhar cultura (Baldwin et al., 2006; Kroeber & Kluckhohn, 1952), com diferentes abordagens do fenômeno dispersos em diferentes metodologias, tradições e escolas da Antropologia (White, 1959).

Apesar da dificuldade de contato relativo à vastidão do campo antropológico, torna-se profícuo o diálogo da Análise do Comportamento com a Antropologia quando se trabalha com questões relativas à cultura. Entretanto, o diálogo com certas áreas específicas da Antropologia, de acordo com compatibilidades metodológica, epistemológica ou conceitual podem ser mais econômicos e produtivos, na medida em que minimizam concepções antagônicas ou incompatíveis. Aproximações neste sentido têm potencial para aprimorar as concepções de cultura e seus componentes entre a Antropologia e a Análise do Comportamento, o que pode ser um incentivo para novas pesquisas e formas de compreender e analisar esse tema.

Inserções mais estruturadas de analistas do comportamento em áreas da Antropologia foram principalmente realizadas em contato com o materialismo cultural de Marvin Harris. Diversos aspectos da obra de Harris foram analisados sob uma ótica comportamental (Andery & Sério, 1997; Glenn, 1988, 1991; Leugi, 2012; Lloyd, 1985; Malagodi, 1986; Malagodi & Jackson, 1989; Melo & de Rose, 2012; Vargas, 1985). Todas as análises comportamentais da obra de Harris apontam suas semelhanças teóricas com a filosofia behaviorista radical (Sampaio, 2008). Entretanto, Harris era crítico de certas concepções tradicionais apresentadas pela Antropologia, as quais afirmava serem estruturalistas, idiográficas e até mesmo místicas e obscurantistas (Harris, 1984). Neste sentido, as obras de Harris, apesar de influentes dentro e fora da Antropologia, não podem ser consideradas como centrais ou definidoras de toda a Antropologia moderna. Harris, assim como Skinner, era um expoente de uma determinada corrente ou escola em seu campo de estudo, no caso, o materialismo cultural.

Outras propostas de diálogo com as ciências sociais também foram realizadas (Abdala et al., 2023; Fernandes, 2015; Gusso, 2008; Leugi, 2012). Nesse sentido, a

produção de análises a respeito de aproximações da teoria analítico comportamental com autores diversos da Antropologia parece proveitoso. Dentre eles, encontra-se o trabalho de Clifford Geertz (1926 - 2006).

Segundo White (2007), Clifford Geertz foi um antropólogo importante de sua geração, marcando uma reviravolta nas ciências sociais e nas suas fronteiras com as ciências humanas. Ficou conhecido pela sua proposta de uma Antropologia Simbólica/ Interpretativa, o que, em linhas gerais, significa que para estudar os fenômenos culturais é necessário se dedicar ao estudo do papel dos símbolos de uma cultura, com a utilização de um método interpretativo para entender seus diversos significados (Gusso, 2008).

O método interpretativo se baseia na análise dos significados e no exame dos sistemas simbólicos que os formam, assim investiga o ponto de vista do ator que coloca a ação em relação a cultura que se relaciona, sendo esse contato do sujeito estabelecido com a configuração de ideais, atitudes e valores que são os elementos que formam a cultura (Malighetti, 2020). Esta abordagem é definida por Geertz com o termo “descrição densa”, sendo esse termo utilizado anteriormente por Gilbert Ryle (Geertz, 1973/2005).

Considerando, então, as contribuições e a mudança de perspectiva realizada por Geertz na Antropologia, bem como a necessidade de produções que possibilitem contato e reflexões da Análise do Comportamento com outras áreas do conhecimento, o objetivo deste artigo é realizar uma análise conceitual sobre o conceito de cultura e categorias conceituais correlatas na obra de Clifford Geertz. Aproximações de sua perspectiva com categorias conceituais de textos específicos selecionados no bojo da Análise do Comportamento serão apresentadas. Uma síntese de pontos de encontro e desencontro é apresentada após comparar: (a) o conceito de cultura em Geertz e na Análise do Comportamento, (b) o conceito de símbolos e significados em Geertz e na Análise do Comportamento, (c) método interpretativo e método experimental, e (d) o papel da ciência em Geertz e na Análise do Comportamento.

MÉTODO

Este estudo é de natureza conceitual. De acordo com Laurenti e Lopes (2016), esse tipo de pesquisa tem como objeto de investigação um texto ou uma teoria, no caso deste estudo, textos e teorias no âmbito da Psicologia e da Antropologia. A pesquisa conceitual possibilita realizar uma análise sistêmica de algum conceito que estará associado a outros conceitos ou noções, sendo que a sua compreensão depende da explicitação dessa rede de relações. No caso desta pesquisa, o foco do estudo foi o conceito de cultura juntamente com uma rede de concepções e noções que são abarcados por ele.

Foi selecionado como base para fazer as comparações com a teoria da Análise do Comportamento o livro de Clifford Geertz intitulado “Interpretação das culturas”, de 1973/2005, já que este descreve de forma mais completa sua teoria e é um dos marcos da produção do autor. O livro foi utilizado em sua versão traduzida, já que não foi possível ter acesso ao material em sua língua original. Foram também selecionados textos de comentadores do autor procurando na plataforma do Google

Acadêmico as palavras “Geertz” e “culture”, sendo utilizados somente dois que discutiam especificamente as concepções do autor abordadas nesse trabalho e que auxiliaram no estabelecimento de relações com a Análise do Comportamento.

Em relação aos textos de Análise do Comportamento, foram feitas diversas buscas com palavras-chave² específicas no Google Acadêmico. As principais foram “cultura” e “Análise do Comportamento”; “Antropologia” e “Behaviorismo Radical”; “símbolo” e “Skinner”; “análise comportamental da cultura”; “behaviorism” e “culture”, dentre outras. Devido à grande quantidade de textos encontrados, foram incluídos aqueles que se considerou exemplificar melhor as questões trazidas neste trabalho, sendo excluídos os que tratavam de outros assuntos, como cultura do estupro, economia comportamental, habilidades sociais, violência simbólica, terapia infantil, maternidade, dentre outros. Também foram utilizados textos de Sigrid Glenn por suas contribuições atuais na análise da cultura.

Para descrever as principais teses, conceitos e críticas de Geertz, foi utilizado o Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto (PICT), sistematizado por Laurenti e Lopes (2016). O procedimento é dividido em quatro etapas: i) o levantamento dos principais conceitos do texto; ii) as teses tradicionais apresentadas, as críticas tecidas pelo autor e as teses alternativas propostas; iii) a elaboração de esquemas com as teses e conceitos; iv) e uma síntese interpretativa dos resultados das etapas anteriores.

Após realizar o PICT no livro de Geertz e da leitura dos textos dos comentaristas, foram elaboradas categorias temáticas com os principais tópicos discutidos pelo autor e descritos nos textos. Foram elas: 1) conceito de cultura; 2) símbolos e significados; 3) método interpretativo; e 4) papel da ciência. Em seguida foi realizada uma busca por textos da Análise do Comportamento que tratassem destas temáticas. Por fim, foram realizadas comparações e paralelos entre ambas as teorias a fim de aproximar os principais pontos destacados por Geertz no estudo da cultura com a Análise do Comportamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conceito de Cultura em Geertz

O conceito de cultura em Geertz (1973/2005) é defendido como semiótico, ou seja, enfatiza o estudo de signos e significados para compreensão desse fenômeno. Mais especificamente, haveria dois conceitos fundamentais, símbolos e comportamento, pois a cultura seria “um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento” (Geertz, 1973/2005, p. 37). Nesse sentido, a cultura seria algo exterior ao organismo (extra-somática) que interage a partir da relação sobre o comportamento. Discute-se assim sobre um contexto, eminentemente público, que se relaciona com um organismo, que compõe uma série de ações humanas (sendo

2 Destaca-se que não se trata de uma revisão sistemática da literatura, mas uma pesquisa conceitual com apoio textual na literatura da área. As buscas foram focadas em palavras chaves que pudessem recuperar textos analíticos comportamentais para esclarecer conceitos e questões relacionadas às aproximações feitas com o texto de Geertz.

inclusive entendido como definidor da noção de humano), porém não apenas como um suplemento a essas capacidades, mas um ingrediente delas. Por exemplo, a noção de pensar e de mente seriam compostas em partes pela cultura, de maneira tão fundamental que um ser humano sem cultura não poderia possuir uma mente.

Vale a ressalva que mente é compreendida pelo autor como “capacidades e propensões, suas disposições de executar certos tipos de ações e produzir certas espécies de produtos” (Geertz, 1973/2005, p. 44), sendo assim uma compreensão fundamentada em comportamentos, ainda que inferida a partir deles, mas não um construto não físico. A partir disso, os recursos culturais são constituintes da atividade mental, não apenas adjuntos. A necessidade de estudar a evolução da mente justifica-se em “reconstituir o desenvolvimento de certas espécies de habilidades, capacidades, tendências e propensões nos organismos e delinear os fatores ou tipos de fatores dos quais depende a existência de tais características” (Geertz, 1973/2005, p. 60).

Com o mesmo tipo de argumentação, o conceito de pensamento surge como “um ato aberto conduzido em termos de materiais objetivos da cultura comum, e só secundariamente um assunto privado.” (Geertz, 1973/2005, p. 60). O pensar não seria do campo da metafísica, porém a combinação entre parcelas do ambiente e de modelos simbólicos. Enfatizar o conceito de “pensamento” na obra de Geertz, como fundamental para o conceito de cultura, justifica-se devido a ligação com o conceito de símbolos, pois enquanto cultura é compreendida como uma rede desses símbolos, o pensar seria o ato de combinar esses símbolos com outras variáveis, possibilitando assim uma interação com a própria cultura.

Aproximações Sobre o Conceito de Cultura em Geertz e na Análise do Comportamento

Apesar das diferentes definições e características do fenômeno cultural apresentadas, tanto por Skinner (1953/2003, 1969, 1971, 1978, 1981, 1984, 1986, 1989), quanto por outros(as) analistas do comportamento (Andery, 2017; Baum, 2017; Glenn, 1986, 2003, 2004, 2010; Melo & de Rose, 2013; Leugi, 2012; Rocca, 2012, Tourinho, 2009), é possível encontrar na área os aspectos destacados por Geertz no estudo de cultura. Assim como Geertz, Skinner (1953/2003), por exemplo, destaca ao longo de sua obra a importância do fenômeno cultural ao afirmar como a cultura é constitutiva do comportamento humano, sendo que este produz a cultura e também é produto dela.

Geertz (1973/2005), chama atenção para o caráter extra-somático e exterior da cultura, na qual o indivíduo tem acesso aos símbolos, que são públicos, e que interagem com o sujeito, agindo no controle do seu comportamento. Da mesma forma, Glenn (2004) também afirma que os fenômenos culturais são supraorganismicos, ou seja, compreendem a inter-relação entre dois ou mais indivíduos. O comportamento de um seria ou consequência ou situação antecedente para o outro, sendo que nessa situação estaríamos tratando, então, de uma seleção cultural. Leugi (2012), traça um paralelo entre a teoria analítico comportamental com Geertz,

também destaca como a cultura é fruto dos atos dos indivíduos e seu significado, os quais seriam públicos.

É possível também aproximar o conceito de “mente” de Geertz com o conceito de repertório comportamental apresentado por teóricos do Behaviorismo Radical, visto que, segundo Lopes e Abib (2003), esse conceito trata da disposição do indivíduo de se comportar de determinada forma em determinados contextos, sendo que sua gênese está nas contingências às quais o indivíduo está constantemente exposto e, portanto, está em constante mudança. Dessa forma, tanto Geertz quanto a Análise do Comportamento chamam a atenção para o conceito de mente fundamentado no âmbito comportamental, que envolve a relação do indivíduo com o ambiente e, dessa forma, do indivíduo com a sua cultura.

Skinner (1953/2003), destaca como o estudo da cultura não pode se restringir somente à topografia dos comportamentos dos indivíduos, mesmo que esta seja importante para investigar algumas características das respostas. O autor enfatiza que se deve atentar principalmente para a função dos comportamentos, ou, em consonância com a perspectiva apresentada por Geertz, o significado dessas ações, bem como as contingências de reforçamento presentes no contexto dessas.

Ao considerar os dois elementos principais da definição de Geertz de cultura (símbolos e comportamento), é possível destacar também a importância desses elementos para a análise do fenômeno cultural no Behaviorismo Radical. Fernandes et al. (2017), propõem que cultura se referiria a um conjunto de contingências de reforçamento e punição que seriam mantidas por um grupo e seus membros em determinados contextos. Destaca-se nesse sentido que o sujeito somente faria parte de uma cultura se essas contingências sociais tivessem como função controlar seu comportamento, algo também destacado por Geertz.

Além disso, de acordo com de Rose (2016), os analistas do comportamento têm admitido a importância dos símbolos para explicar os fenômenos culturais, sendo que, de acordo com o autor, “as redes simbólicas são treinadas pelas culturas e constituem um elemento central para explicar como culturas controlam o comportamento dos indivíduos e como as práticas culturais são transmitidas” (de Rose, 2016, p. 217). Nesse sentido, assim como destaca Geertz (1973/2005), conjuntos de símbolos, como os que constituem a arte, a linguagem, a religião, permeariam os elementos mais significativos de uma cultura, sendo extremamente importantes no controle do comportamento humano e na transmissão de práticas culturais.

Símbolos e Significados em Geertz

Ao tratar de símbolos, Geertz (1973/2005) o define como “qualquer ato ou objeto físico, social ou cultural que serve como veículo para a concepção” (p. 117). Ou seja, quando se coloca sentido em alguma ação ou em algo, constitui-se um símbolo. Um exemplo citado pelo autor são as “piscadelas”, pois quando piscamos em decorrência de algum elemento que elicie essa resposta, não se trata de uma questão simbólica/cultural, mas quando se fecha um dos olhos para sinalizar outra pessoa que não estamos falando sério ou de forma a fazer chacota de um terceiro,

adiciona-se uma concepção para esse ato, sendo nesse caso a manifestação de um símbolo (Geertz, 1973/2005).

Símbolos são fontes extrínsecas de informação, não são estabelecidos por algum tipo de natureza das coisas; são construídos historicamente, socialmente mantidos e individualmente aplicados (Geertz, 1973/2005). Constituem-se a partir das relações sociais, nesse sentido são eminentemente públicos e variam a partir de cada caso e grupo, não havendo um correlato ou representante intrínseco para sua formação.

Símbolos e Significados na Análise do Comportamento

A partir de análises das obras de Skinner e Sidman, Rocca (2012), afirma que o conceito de “símbolo” na Análise do Comportamento se refere a eventos linguísticos como desenhos, gestos, sons, tornando-se símbolos a partir do momento em que são reconhecidos e interpretados por um membro da cultura. Segundo Rocca (2012), o símbolo levaria, então, para a possibilidade de ter acesso a uma nova informação por meio de algo que se experiencia. As explicações derivadas da equivalências de estímulos esclarecem o conceito: ~~e processo comportamental~~.

... um símbolo passou a ser compreendido como um estímulo que participa de uma relação de equivalência com outros estímulos fisicamente dissimilares e, em virtude desta relação de equivalência, torna-se, em alguns contextos, um substituto destes outros estímulos, passando a ser tratado virtualmente como se fosse o estímulo que ele simboliza (de Rose, 2016, p. 209).

Na teoria da equivalências de estímulos, um aspecto importante da relação entre os estímulos é a transferência de funções, na qual determinada função de um estímulo pode ser compartilhada por outros que serão coordenados a eles, podendo essas funções serem discriminativas, reforçadoras, eliciadoras etc. Na medida, então, que a cultura é responsável por desenvolver uma série de comportamentos operantes e respondentes condicionados, presentes na vida dos indivíduos, ela também estabelece redes de símbolos que atribuem funções diferentes a estímulos que controlam o comportamento humano (de Rose, 2016). Dessa forma, conforme afirma Leugi (2012), é possível fazer uma analogia entre sentido e significado e a função que um objeto representa em uma sociedade, que pode ser de controle, entrando em consonância com o que afirma Geertz sobre como os sistemas simbólicos presentes na cultura têm papel decisivo no controle do comportamento.

Aproximações Sobre Símbolos em Geertz e na Análise do Comportamento

Dessa maneira, as concepções de símbolos na vertente da Antropologia interpretativista de Geertz e em textos de correntes comportamentalistas são congruentes. Conceber com informação um objeto (estímulo ambiental) ou ato (evento comportamental) seria estabelecê-lo em uma rede de equivalência. Por exemplo, ao passar em frente a uma igreja, um representante da cultura católica apresenta o ato de mexer as mãos próximo ao corpo de forma a desenhar uma cruz, produzindo

um símbolo religioso. Da mesma maneira, essa resposta compõe uma rede com o estímulo igreja e a própria cruz (símbolo do catolicismo).

Adicionalmente, a perspectiva comportamental que defende os símbolos como eventos linguísticos que são interpretados e reconhecidos por uma cultura (Rocca, 2012) é semelhante à abordagem interpretativista. Geertz afirma que algo só se torna um símbolo quando se atribui algum significado a este (Geertz, 1973/2005). Diante disso, estabelece-se culturalmente a interpretação e significado de elementos simbólicos.

Método Interpretativo

Geertz foi alvo de diversas críticas, especialmente acerca de sua abordagem interpretativa, sendo considerada até mesmo contra ou refratária ao que é considerado como o “método científico”, o qual, de fato, o próprio autor criticava (Geertz, 2013; Gusso, 2008; Pagnotta, 2012; White, 2007). Geertz defendia a ideia de que a procura por métodos experimentais e leis científicas não seria apropriado para a Antropologia, visto que não haveria princípios universais entre os indivíduos quando se trata de mudanças culturais (Geertz, 1973/2005). O autor propõe, então, o método interpretativo como um novo método, ainda científico, porém com uma perspectiva mais ampla de ciência, que seria, portanto, mais adequado para a busca dos sentidos e significados de uma cultura (Pagnotta, 2012).

No caso do método interpretativo, o conhecimento antropológico deve surgir da busca e análise de símbolos, sendo o fundamento da etnografia a elaboração de uma descrição densa (Geertz, 1973/2005). Esse modelo de detalhamento é um registro minucioso e inteligível de uma sociedade observada. Organiza-se a coleta em estruturas de significação, fundamento social e importância simbólica (Regasson, 2021). Para isso, o etnógrafo enfrenta diversas estruturas conceituais complexas, sendo preciso inicialmente aprendê-las para em seguida apresentá-las a partir da entrevista de informantes (como normalmente se denomina na antropologia um representante da cultura analisada que passa informações ao pesquisador), observação de rituais, dedução dos termos de parentesco, análise do censo doméstico e registro regular do material encontrado (Geertz, 1973/2005).

Entretanto, mesmo esses registros densos são interpretações de segunda ou terceira mão, visto que só um nativo faria uma análise de primeira mão por se tratar de sua própria cultura. Neste sentido, compreende-se que o método interpretativo possui limitações, mas que não impede o fazer antropológico, que sempre atua a partir dessas fontes, ciente da impossibilidade de ligar o modo de representação e o conteúdo substantivo (Geertz, 1973/2005).

Método Comportamental para Estudo da Cultura

Quanto à Análise do Comportamento, segundo Andery (2017), muitas vezes afirma-se não ser possível estudar o fenômeno por meio da teoria analítico-comportamental, já que esta seria voltada para o estudo dos comportamentos em um nível individual. No entanto, o registro detalhado de comportamentos, símbolos, estí-

mulos ambientais e demais elementos relevantes em uma cultura observada parece congruente de ser aplicado com as ferramentas da análise comportamental proposta por vertentes behavioristas.

Pode ser utilizado, também, o recurso da quase-experimentação, método que se assemelha à experimentação no que diz respeito à busca por relações funcionais entre eventos, mas que se diferencia ao se situar entre o controle máximo de um experimento em laboratório e o controle mínimo da interpretação, ou especulação. As variáveis estranhas não são controladas por meio de manipulações específicas, mas por meio da coleta de novos dados ou transformação dos já coletados. A despeito de suas limitações, como as dificuldades de controle e mensuração das VIs, por exemplo, esse método se mostra vantajoso na medida em que facilita o estudo de questões sociais mais amplas (Sampaio, 2008).

Outro recurso que vêm sendo utilizado para estudar cultura é a análise funcional de práticas culturais, já que esta permite investigar os comportamentos de membros de uma sociedade que caracterizam as contingências nas quais o indivíduo interage (Horta, 2006). Essa estratégia de análise pode ser realizada com base em registros, documentos, obras e materiais que possibilitem a descrição de elementos da contingência (e.g., Fontana & Laurenti, 2020; Marque & Almeida, 2021) ou de metacontingências (e.g., Baia et al., 2017; Fava & Vasconcelos, 2017; Saini & Vance, 2020). A análise de contingências reforçadoras para manutenção de certas respostas é utilizada para compreensão de práticas culturais, o que possibilita uma descrição detalhada do objeto de estudo, mesmo quando se trata de grupos com estendido número de membros (Abdala et al., 2020; Carvalho et al., 2017).

Uma inovação plausível foi apresentada por Carvalho et al. (2017), ao pesquisarem a cultura de pichadores no Brasil por meio de um estudo etnográfico no qual um dos pesquisadores acompanhou os participantes em todas as suas atividades, como observador. Os autores reconhecem que pesquisas dessa natureza diferem em diversas formas das tradições da Análise Experimental do Comportamento, mas apresentam como pode ser plausível, por meio de métodos mais tradicionais de outras áreas, desenvolver uma pesquisa aplicada, comportamental e analítica. Com isso, torna-se possível a apropriação de métodos diversos das Ciências Sociais pela Análise do Comportamento, ainda atentos às relações funcionais dos eventos estudados.

Do nosso ponto de vista, um método é o meio pelo qual se produz conhecimento. Embora o método experimental seja a estratégia privilegiada na Análise do Comportamento, o qual evidencia mais fortemente relações causais entre fenômenos, quando nos adentramos no estudo de fenômenos culturais talvez seja necessário a utilização de novas estratégias metodológicas. Isso porque, práticas culturais e culturas envolvem maior grau de complexidade e variáveis envolvidas; como salientou Skinner (1981) a seleção cultural ocorre em uma velocidade diferente da seleção de comportamentos:

... Apenas o segundo [nível de seleção], o condicionamento operante, ocorre em uma velocidade em que pode ser observado de momento a momento. Biólogos e antropólogos estudam os processos por meio dos quais variações surgem e são selecionadas, mas eles apenas reconstróem a evolução de uma espécie ou cultura. O condicionamento operante é seleção em andamento... (Skinner, 1981, p. 502).

Por fim, há de se produzir conhecimento que seja útil para a resolução dos problemas humanos. Um dos critérios importantes de uma ciência com bases pragmatistas.

Aproximações Metodológicas

Da mesma forma que Geertz busca resolver a dificuldade de acesso ao objeto de estudo cultural a partir de uma descrição mais detalhada das observações de campo, a vertente comportamental busca mitigar, dentre outras maneiras, essa problemática utilizando os análogos experimentais. Simulações em laboratório de práticas culturais e suas contingências realizadas com pequenos grupos (Baum et al., 2004). A partir do primeiro delineamento experimental que utilizou o conceito de metacontingência (Vichi, 2004), essa estratégia de investigação foi bastante enfatizada para estudo sobre cultura na Análise do Comportamento (Zílio, 2019).

Apesar das inovações advindas do uso do conceito de metacontingência, ferramentas mais tradicionais, como a análise funcional, ainda são difundidas para estudo da cultura. A análise funcional é uma ferramenta útil para a interpretação dos fenômenos culturais na medida em que se estudam comportamentos para observar a cultura, bem como o contexto de sua ocorrência e os produtos desse comportamento (e.g., Fontana & Laurenti, 2020). Dessa forma, mesmo que o antropólogo não tenha registrado todos os dados importantes para a realização de uma análise funcional, ainda é possível utilizar esses dados sem perder todo o teor histórico e social dos significados dos fenômenos observados (Silva & Leugi, 2022). A interpretação poderia ser considerada, então, uma espécie de arqueologia para as relações funcionais (Gusso, 2008; Leugi, 2012).

Papel da Ciência em Geertz

Geertz apresenta críticas a vertentes que defendem a possibilidade de encontrar bases fundamentais presentes em todas as culturas, afirmando que esse não deve ser o trabalho do antropólogo. Porém, isso não significaria a impossibilidade de uma ciência social, mas que essa vertente científica se organizaria “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (Geertz, 1973/2005, p. 3). Não há a busca por uma essência de cada cultura, mas é possível estudá-la descobrindo as possibilidades de variações que símbolos podem possuir com suas diferentes manifestações a depender do contexto específico de cada grupo.

A ciência apresenta-se como uma forma de ordenar a complexidade inerente ao fenômeno social, mesmo ainda não sendo possível uma descrição e análise das estruturas significativas da experiência das pessoas. Isto impossibilita a ligação do modo de representação e o conteúdo substantivo, conforme é apreendido por membros representativos de uma sociedade específica, a partir de um ponto particular no tempo. No entanto, é nesse ponto que se justifica a defesa do autor na elaboração de uma fenomenologia científica da cultura (Geertz, 1973/2005).

Nesse sentido, críticas ao “método científico” são presentes na Antropologia Interpretativa, mas não de modo a abandoná-lo totalmente ou desestimular seu uso. Pelo contrário, discute como esse método poderia ser otimizado para utilizá-lo nas ciências sociais.

Ciência na Análise do Comportamento

A ciência apresenta-se como um tema caro à Análise do Comportamento desde a obra de Skinner, em que por exemplo, dedicou uma seção inteira de uma de suas principais e primeiras obras (*Ciência e Comportamento Humano*) para discutir esse tema (Skinner, 1953/2003). Para o autor, “A ciência é, obviamente, mais do que um conjunto de atitudes. É uma busca de ordem, de uniformidades, de relações ordenadas entre os eventos na natureza” (Skinner, 1953/2005, p. 13, tradução própria).

Diante dessa compreensão, o autor adota nessa obra um compromisso com o determinismo como condição para o desenvolvimento de seu modelo de ciência, visto que “Se formos usar os métodos da ciência no campo dos assuntos humanos, devemos assumir que comportamento é ordenado e determinado”³ (Skinner, 1953/2005, p. 6, tradução própria). Entretanto, Skinner (1953/2005) enaltece a importância do cuidado com a escolha e o modo de objetivar um método claro e funcional para estudo dessas questões humanas mais complexas (Carrara & Zilio, 2020). O trabalho com comportamento possui dificuldades, assim, o estudo da cultura complexifica ainda mais essas questões. Caberia, do nosso ponto de vista, ao pesquisador a adaptação das estratégias metodológicas utilizadas para a busca de regularidades no fenômeno estudado.

Aproximações sobre Ciência em Geertz e Análise do Comportamento

Skinner (1953/2003), assim como Geertz, também chama atenção para o fato de que uma cultura é extremamente complexa, não havendo, uma essência universal entre as culturas. Segundo o autor, diferentes ambientes podem mostrar mais divergências do que semelhanças, em parte por conta das variáveis culturais. O autor também afirma que um grupo pode ter um conjunto único de práticas que leva a um conjunto único de comportamentos. Nesse sentido, ao traçar um paralelo com Geertz, o grupo pode ter acesso a um conjunto de símbolos, por exemplo, que, mesmo sendo semelhante à de outras culturas, poderá variar em seu significado na medida em que o grupo irá se comportar em relação a eles de determinada forma a depender das práticas culturais envolvidas.

Ainda, segundo Skinner (1953/2003), a ciência não pode ser utilizada meramente para descrever acontecimentos, mas para descobrir uma ordem e uma relação entre eles. Porém, o autor destaca a vantagem da observação direta dos comportamentos, sendo o relato de indivíduos um objeto relacionado ao estudo do comportamento verbal. Dessa forma, assim como Geertz, o autor também chama a atenção para a dificuldade no estudo dos fenômenos sociais com o relato dos indi-

3 Vale a ressalva de que ainda existe a possibilidade de interpretar o Behaviorismo Radical como indeterminista, mantendo ainda assim a busca por regularidades (Rodrigues & Strapasson, 2019).

víduos de um grupo. Porém, afirma a importância de estudar esses fenômenos para descobrir por que os indivíduos se comportam de determinado modo. A seguir, a Tabela 1 sintetiza pontos centrais das categorias estabelecidas para investigação da Análise do Comportamento e Antropologia Simbólica de Geertz.

Tabela 1. Sumário das características encontradas nas categorias definidas para comparação entre Geertz e Análise do Comportamento

	Análise do Comportamento	Geertz
Conceito de cultura	Cultura é constitutiva do comportamento do ser humano, sendo que este produz a cultura e também é produto dela (Fernandes et al., 2017)	Cultura seria “um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento” (Geertz, 1973/2005, p 37)
Símbolos e significado	Um símbolo passou a ser compreendido como um estímulo que participa de uma relação de equivalência com outros estímulos fisicamente dissimilares e, em virtude desta relação de equivalência, torna-se, em alguns contextos, um substituto destes outros estímulos, passando a ser tratado virtualmente como se fosse o estímulo que ele simboliza (de Rose, 2016, p. 209)	Símbolos são “qualquer ato ou objeto físico, social ou cultural que serve como veículo para a concepção” (Geertz, 1973/2005, p 117)
Método	Métodos, conceitos e experimentos tradicionais da Análise do Comportamento podem auxiliar no entendimento da cultura, bem como novas estratégias metodológicas (como procedimentos de metacontingências em microculturas de laboratório) podem ser propostos para este fim. Além da adição de métodos de outras áreas aplicados sob um referencial comportamental (Carvalho et al., 2017; Marques & Almeida, 2021)	O conhecimento antropológico deve surgir da busca e análise de símbolos, sendo o fundamento da etnografia a elaboração de uma descrição densa
Papel da ciência	“A ciência é, obviamente, mais do que um conjunto de atitudes. É uma busca de ordem, de uniformidades, de relações lícitas entre os eventos na natureza.” (Skinner, 1953/2005, p. 13 tradução própria)	A ciência social se organizaria “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (Geertz, 1973/2005, p.3)

Considerações Finais

Diante da realização de uma análise teórica mais próxima entre as concepções de cultura de Geertz e de aspectos de textos específicos selecionados no bojo da Análise do Comportamento, foi possível constatar que, apesar de defenderem definições distintas entre alguns conceitos chave, as propostas apresentam semelhanças, as

quais possibilitaram a criação de categorias que mostrassem as aproximações entre as principais concepções do antropólogo e da Análise do Comportamento.

Na primeira categoria, o conceito de cultura, foi possível constatar como pontos de contato: (a) a importância do fenômeno cultural na constituição do comportamento humano, (b) o seu caráter público, o conceito de mente voltado a um âmbito comportamental, (c) a importância de voltar a análise para a função dos comportamentos presentes na cultura e os símbolos que a compõe, (d) o destaque ao papel do controle do grupo sob o comportamento do indivíduo e, (e) o símbolo como forma de controle e transmissão de práticas. Em relação à segunda categoria, os símbolos e significados, tanto Geertz quanto teóricos da Análise do Comportamento entendem que só se tem um símbolo quando se atribui um significado a este, ou seja, quando os eventos linguísticos são reconhecidos e interpretados por alguém, e que esse sistema simbólico atua no controle do comportamento.

Em relação à terceira categoria, o método interpretativo, além de ambas as teorias buscarem mitigar as limitações do acesso ao objeto de estudo da cultura por meio de observações de campo, tem-se a análise funcional como complementar ao método interpretativo, sendo a interpretação uma espécie de arqueologia das relações funcionais. Analisa-se o contexto, as práticas culturais e o produto das práticas que são compostas pelo comportamento dos membros do grupo. Por fim, na quarta categoria, sobre o papel da ciência, em ambas as propostas se entende a cultura como complexa, sem uma essência universal, afirma-se que o conjunto de símbolos pode variar dependendo de como os indivíduos se comportam em relação a eles, destaca-se a importância em descobrir uma ordem e relação entre os eventos, e chama-se a atenção para a dificuldade de estudar a cultura por meio de relatos verbais.

A partir dessa interseção proposta foi possível avaliar que as vertentes behavioristas que compreendem a cultura como variável ambiental - ao invés de conjunto de comportamentos - são mais congruentes com a Antropologia de Geertz. Evidencia-se que a forma de analisar fenômenos culturais, a partir dessa vertente das ciências sociais, também se fundamenta pela observação de comportamentos (ou práticas que são constituídas por esses), uma vez que só conseguimos identificar um símbolo, por exemplo, caso alguém se comporte em relação a ele. Porém, isso não significa que a cultura seria o próprio comportamento que está sendo avaliado para o entendimento de alguma rede simbólica.

Ademais, apresenta-se como importante o estudo de símbolos para a análise comportamental da cultura. Além dos argumentos já defendidos por Geertz (1973/2005) e de Rose (2016), a adição da análise de símbolos para a compreensão do fenômeno cultural parece evidenciar melhor a distinção de fenômenos sociais e culturais. Na vertente comportamentalista radical, o entendimento de comportamentos sociais conceitua-se como a interação de um organismo em relação a outro ou dois ou mais em relação a um ambiente comum (Skinner, 1953/2003), como todas as outras formas de um organismo se comportar socialmente, como a forma que sua subjetividade é construída (Tourinho, 2009) ou quando mesmo sozinhos (Guerin, 2016) interagimos socialmente (fugindo da compreensão estritamente skinneriana), entrariam na categoria de selecionados culturalmente (Skinner,

1981). Entender o fenômeno cultural como dependente de uma rede de relações simbólicas poderia organizar essa distinção no campo do Behaviorismo Radical.

De acordo com Gusso (2008), um dos problemas enfrentados pelos analistas do comportamento para estudar as produções da Antropologia é a linguagem metafórica e mentalista utilizada pelos antropólogos. Além disso, a falta de clareza acerca dos métodos utilizados nas interpretações antropológicas pode dificultar a verificação empírica dos resultados dos estudos. Porém, o autor defende a ideia de que esses fatores não são impeditivos para um estudo analítico-comportamental das produções antropológicas, baseadas principalmente na observação indireta dos fenômenos culturais. Diante do exposto, apesar de uma linguagem diferente, aproximações teóricas ainda são factíveis.

Ainda segundo Gusso (2008), métodos antropológicos de observação direta e imersão nos contextos culturais estudados também podem ser importantes para os estudos analítico-comportamentais dos fenômenos culturais, a fim de possibilitar a análise de um maior número de sujeitos (seus comportamentos e as práticas derivadas) em ambientes mais complexos. A partir do presente contato, seria interessante o desenvolvimento de mais modelos etnográficos no âmbito da Análise do Comportamento (de Carvalho et al., 2017).

Outros diálogos com a Antropologia seriam proveitosos para uma compreensão mais completa dos debates relativos ao campo cultural. A subárea dos cientistas sociais que ressaltam o conceito de símbolos para entendimento da cultura também não foi completamente explorada no presente trabalho, sendo alguns deles Victor Turner, David Schneider e Mary Douglas (Hoskins, 2015).

Dentre a própria teoria de Geertz, o presente trabalho produziu uma explanação mais ampla, porém conceitos específicos trabalhados pelo autor podem ser analisados mais detalhadamente para uma análise mais rebuscada da possibilidade de diálogo com a teoria comportamental. Conceitos como “mente”, “pensamento” e “significado” possibilitariam trabalhos completos sobre concepções filosóficas semelhantes entre Geertz, Skinner e outros teóricos behavioristas. Além disso, este trabalho limitou-se a tratar das aproximações entre algumas categorias conceituais de Geertz com conceitos da Análise do Comportamento, porém, também seria profícuo realizar um estudo para discutir as divergências entre esses.

Os trabalhos da Antropologia Simbólica de Geertz focam em elaborar descrições das redes de símbolos em que um determinado grupo está exposto, desenvolvendo uma espécie de mapa dos símbolos, um recorte do que define uma dada cultura e permitindo diferenciá-la de outras. Ao mesmo tempo, a Análise do Comportamento enfatiza a análise na interação dos membros de um grupo com um ambiente social, permitindo compreender como essas redes simbólicas interagem, formam-se e controlam comportamento. A integração dessas áreas produz um elo nos estudos sobre indivíduos e sobre grupos.

Apesar de aparentar inicial incongruência e incompatibilidade, já que partem de propostas metodológicas e origens bastantes distintas, a Análise do Comportamento atual; com estudos sobre equivalência de estímulos, molduras relacionais, a área de estudo culturo-comportamental, aproxima-se bastante da Antropologia Cultural de Geertz, como evidencia o exposto neste trabalho. Isto talvez não fosse

tão evidente algumas décadas atrás, mas com o avanço das discussões conceituais e dados empíricos, hoje é possível e provavelmente bastante vantajoso aproximar as duas áreas. Na medida em que a Análise do Comportamento tem avançado seu aparato conceitual para lidar com fenômenos culturais, dados e conceitos da Antropologia Cultural podem auxiliar no desenvolvimento de novas e mais refinadas concepções do que é cultura, símbolo e termos relacionados. Da mesma maneira, a aproximação das áreas estimula novos experimentos e métodos que exploram as fronteiras, complementariedades e recombinações possíveis de estudos experimentais e etnográficos.

Por fim, a utilização dos textos do autor traduzidos pode ter sido uma limitação deste estudo, já que, segundo Laurenti e Lopes (2016), pode haver erros de tradução ou interpretação. Desta forma, estudos futuros podem explorar textos em sua língua original, tanto de Geertz como dos teóricos da Análise do Comportamento.

REFERÊNCIAS

- Abdala, M., Leite, F. L., & Neves Filho, H. B. (2020). Análise interpretativa do planejamento de contingências em malha cicloviária. *Acta Comportamental: Revista Latina De Análisis Del Comportamiento*, 28(3), 339–355. <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/76767>
- Abdala, M., Silva, B. T., Maia, J. G. C., Souza, V. A., & Queiroz I. G. (2023). Possíveis aproximações entre antropologia aimbólica de Clifford Geertz e a terapia de aceitação e Compromisso. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 194–207. <https://doi.org/10.18761/vecc0161122>
- Andery, M. A. P. A. (2011). Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2(2), 203–217. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v2i2.69>
- Andery, M. A. P. A., & Sério, T. M. (1997). O conceito de metacontingências: Afinal, a velha contingência de reforçamento é insuficiente? In R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (Vol. 1, pp. 106–116). São Paulo: Arbyte.
- Andery, M. A. P. A. (2017). Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2(2), 203–217. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v2i2.69>
- Baia, F.H., Neves, S.M.M., Almeida Filho, J.C.R., Melo Junior, I. F., Souza, A. C.G., & Lemes, I. G. (2017). Ethnogenesis of a Brazilian indigenous community, a behavior analytic interpretation: Ethnogenesis of the Tapuios do Carretão. *Behavior and Social Issues*, 26, 51–66. <https://doi.org/10.5210/bsi.v26i0.6856>
- Baum W. M. (1999). *Compreender o behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, & G. Y. Tomanari, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1994).
- Baum, W. M. (2017). *Understanding behaviorism: Behavior, culture and evolution*. Oxford: Blackwell Publishing.

- Baum, W. M., Richerson, P. J., Efferson, C. M., & Paciotti, B. M. (2004). Cultural evolution in laboratory microsocieties including traditions of rule giving and rule following. *Evolution and Human Behavior*, 25, 305-326. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2004.05.003>
- Baldwin, J. R., Faulkner, S. L., Hecht, M. L., & Lindsley, S. L. (Eds.). (2006). *Redefining culture: Perspectives across the disciplines*. Routledge.
- Carrara, K. (2015). *Uma ciência sobre “coisa” alguma: Relações funcionais, comportamento e cultura*. São Paulo: Cultura acadêmica.
- Carrara, K., & Zilio, D. (2020). De Mach a Skinner: A ciência como o behaviorista radical a compreende. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis del Comportamiento*, 28(2), 237-255. <https://revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/75954>
- Carvalho, L. C., Sandaker, I., & Ree, G. (2017). An ethnographic study of tagging cultures. *Behavior Social Issues*, 26, 67-94. <https://doi.org/10.5210/bsi.v26i0.6621>
- de Rose, J. C. (2016). A importância dos respondentes e das relações simbólicas para uma análise comportamental da cultura. *Acta Comportamentalia*, 24(2), 201-220. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/55783>
- Fava, V. M. D., & Vasconcelos, L. A. (2017). Behavior of programa Bolsa Família beneficiaries: A behavior analytic perspective on fulfillment of education and health conditionalities. *Behavior and Social Issues*, 26, 156-17. <https://doi.org/10.5210/bsi.v26i0.7825>
- Fernandes, D. M. (2015). *A sobrevivência das culturas como prescrição ética para o planejamento cultural: Um estudo conceitual*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, São Paulo.
- Fernandes, D. M., Carrara, K., & Zilio, D. (2017). Apontamentos para uma definição comportamentalista de cultura. *Acta Comportamentalia*, 25(2), 265-280. <https://biblat.unam.mx/hevila/Actacomportamentalia/2017/vol25/no2/8.pdf>
- Geertz, C. (2005) A interpretação das culturas. (F. Wrobel, Trad.). Rio de Janeiro: LTC. (Obra original publicada em 1973).
- Fontana, J., & Laurenti, C. (2020). Práticas de violência simbólica da cultura de dominação masculina: Uma interpretação comportamentalista. *Acta Comportamentalia*, 28(4), 499-515. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/77327>
- Geertz, A. W. (2013). The meaningful brain: Clifford Geertz and the cognitive science of culture. In D. Xygalatas & W. W. McCorkle Jr (Eds.), *Mental culture: classical social theory and the cognitive science of religion* (pp. 176-254). UK: Acumen.
- Glenn, S. S. (1986). Metacontingencies in Walden Two. *Behavioral Analysis and Social Action*, 6(1-2), 2-8. <https://doi.org/10.1007/BF03406059>
- Glenn, S. (1988). Contingencies and metacontingencies: Toward a synthesis of behavior analysis and cultural materialism. *The Behavior Analyst*, 11(2), 161-179. <https://doi.org/10.1007/BF03392470>
- Glenn, S. S. (1991). Contingencies and metacontingencies: Relations among behavioral, cultural and biological evolution. In P. A. (Ed.), *Behavioral analysis*

- of societies and cultural practices* (pp. 39-73). New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Glenn, S. S. (2003). Operant contingencies and the origin of cultures. In K. A. Lattal & P. N. Chase (Eds.), *Behavior theory and philosophy* (pp. 223-242). New York: Kluwer Academic/Plenum. https://doi.org/10.1007/978-1-4757-4590-0_12
- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, 27(2), 133-15. <https://doi.org/10.1007/BF03393175>
- Glenn, S. S. (2010). Metacontingencies, selection and OBM: Comments on "Emergence and Metacontingency". *Behavior and Social Issues*, 19, 79-85. <https://doi.org/10.5210/bsi.v19i0.3220>
- Guerin, B. (2016). *How to rethink psychology: New metaphors for understanding people and their behavior*. London: Routledge.
- Gusso, H. L. (2008) *Processos comportamentais identificados nas definições de "cultura" na Antropologia: Relações entre conceitos básicos de Análise do Comportamento e fenômenos sociais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Harris, M. (1984). Group and individual effects in selection. *Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 490-491. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00026844>
- Horta, R. G. (2006). *A análise funcional do comportamento como estratégia de análise da cultura organizacional*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Hoskins, J. (2015). Symbolism in Anthropology. In J. D. Wright (Ed.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 2(23), 860-865. <http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.12226-3>
- Kroeber, A. L., & Kluckhohn, C. (1952) *Culture: A critical review of concepts and definitions*. Cambridge: Harvard University Press.
- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes & S. F. Araujo (Orgs.), *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 41-69). São Paulo: Hoegrefe.
- Leugi, G. B. (2012). *A perspectiva de uma antropologia behaviorista radical: Cultura, variação, seleção e transmissão*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Lloyd, K. E. (1985). Behavioral anthropology: A review of Marvin Harris's Cultural Materialism. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 43(2), 279-287. <http://dx.doi.org/10.1901/jeab.1985.43-279>
- Lopes, C. E., & Abib, J. A. D. (2003). O behaviorismo radical como filosofia da mente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 85-94. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000100009>
- Malagodi, E. F. (1986). On radicalizing behaviorism: A call for cultural analysis. *The Behavior Analyst*, 9(1), 1-17. <https://doi.org/10.1007/BF03391925>
- Malagodi, E. F., & Jackson, K. (1989). Behavior analysts and cultural analysis: Troubles and issues. *The Behavior Analyst*, 12(1), 17-33. <https://doi.org/10.1007/BF03392474>

- Malighetti, R. (2020). The work and legacy of Clifford Geertz. An Essay on the interpretive turn in anthropology. *Bérose-Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie, Paris*, 1-44.
- Marques, N. S., & de Almeida, J. A. T. (2021). Brazilian presidential pronouncements in the pandemic: Effectiveness in crisis communication and rule properties. *Behavior and Social Issues, 30*(1), 428-445. <https://doi.org/10.1007%2Fs42822-021-00054-2>
- Martins, J. C. T., & Leite, F. L. (2016). Metacontingências e macrocontingências: Revisão de pesquisas experimentais brasileiras. *Acta Comportamentalia, 24*(4), 453-469. <https://www.redalyc.org/journal/2745/274548797005/html/>
- Melo, C. M., & de Rose, J. C. C. (2012). Sobrevivência das culturas em Skinner: Um diálogo com o materialismo cultural de Harris. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 28*(1), 119-128. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100015>
- Melo, C. M., & de Rose, J. C. (2013). The concept of culture in Skinnerian Radical Behaviorism: Debates and controversies. *European Journal of Behavior Analysis, 14*(2), 321-328. <https://doi.org/10.1080/15021149.2013.11434464>
- Meneses, J. S. (2009). *Antropologia I*. Sergipe: CESAD.
- Pagnotta, M. (2012). *A atribuição de cultura a primatas não humanos: A controvérsia e a busca por uma abordagem sintética*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pierce, W. D. (1991). Culture and society: The role of behavior analysis. In P. A. Lamal (Ed.). *Behavioral analysis of societies and cultural practices*. New York: Hemisphere publishing Corporation.
- Regasson, B. V. (2021). A virada interpretativa na metodologia de pesquisa de Clifford Geertz e Quentin Skinner. *Plural: Revista de Ciências Sociais/USP, 28*(2), 242-256. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2021.169928>
- Rocca, J. Z. (2012). *O conceito de símbolo em Sidman e Skinner - Uma análise epistemológica*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Rodrigues, N. B., & Strapasson, B. A. (2019). Reflexões sobre a discussão do (in) determinismo na Análise do Comportamento brasileira. *Acta Comportamentalia, 27*(4), 497-510. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274561551006>
- Saini, V., & Vance, H. (2020). Systemic racism and cultural selection: A preliminary analysis of metacontingencies. *Behavior and Social Issues, 29*, 52-63. <https://doi.org/10.1007/s42822-020-00040-0>
- Sampaio, A. (2008). *A quase-experimentação no estudo da cultura: Análise da obra Colapso de Jared Diamond*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Silva, F. B., & Leugi, G. B. (2022). Behavioral community psychology in the Amazon rainforest: Suggestions for when behavior analysts meet alterity. *Behavior and Social Issues, 31*, 234-251. <https://doi.org/10.1007/s42822-022-00102-5>
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. New York: Knopf.

- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213(4507), 501-504. <https://doi.org/10.1017/S0140525X0002673X>
- Skinner, B. F. (1984). *A matter of consequences*. New York: University Press.
- Skinner, B. F. (1986). The evolution of verbal. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 115-122. <https://doi.org/10.1901/jeab.1986.45-115>
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. London: Merrill.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1953).
- Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e relações comportamentais*. São Paulo: Centro Paradigma.
- Tylor, E. B. (1920). *Primitive Culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art and customs*. New York: H. Holt and Company. (Obra original publicada em 1871).
- Vargas, E. A. (1985). Cultural contingencies: A review of Marvin Harris's *Cannibals and Kings*. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 43(3), 419-428. <https://doi.org/10.1901/jeab.1985.43-419>
- Vichi, C. (2004). *Igualdade ou desigualdade em pequeno grupo: Um análogo experimental de manipulação de uma prática cultural*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- White, L. A. (1959). The Concept of Culture. *American Anthropologist*, 61(2), 227-251. <http://www.jstor.org/stable/665095>
- White, B. (2007). Clifford Geertz: Singular genius of interpretive anthropology. *Development and Change*, 38(6), 1187-1208. <https://doi.org/10.1111/j.1467-7660.2007.00460.x>
- Zilio, D. (2019). On the function of science: An overview of 30 years of publications on metacontingency. *Behavior and Social Issues*, 28(1), 46-76. <https://doi.org/10.1007/s42822-019-00006-x>

(Received: February 09, 2023; Accepted: May 17, 2023)